



A CONSTRUÇÃO DA FILOSOFIA E DA ARTE EM TIMOR LESTE: UM ESTADO DE GRAÇA

Martinho Borromeu¹

RESUMO: Objetiva-se através desse trabalho, pontuar pensadores clássicos, como Adorno, Schelling, Platão, Nietzsche, Schopenhauer, bem como contemporâneos, como Sans, Feitosa, Maslow, Souza, ente outros, para contextualizar as expressões artísticas calçadas pela filosofia. Os contornos da arte, mesmo sendo indistintos, proporcionam ricas reflexões. Nesses mesmos moldes, se mostram as artes timorenses que perpetuam a história ancestral e solidificam as nuances da história futura desse país, que através dos artesanatos criados pelo povo de Timor Leste, com base nas técnicas e saberes passados de geração em geração e de novas culturas artísticas, importadas dos novos meios disponíveis a esse povo, vem construindo uma história embasada em ambos momentos culturais, como a preservação da ancestralidade da própria história e a preocupação com o ensinamento para as futuras gerações e que é de suma importância para a instituição da soberania nacional e internacional.

Palavras-chaves: Filosofia, artes, criatividade, artesanato, cultura.

ABSTRACT: The objective of this work is to point out classical thinkers, such as Adorno, Schelling, Plato, Nietzsche, Schopenhauer, as well as contemporaries, such as Sans, Feitosa, Maslow, Souza, among others, to contextualize the artistic expressions based on philosophy. The contours of the art, even though they are indistinct, provide rich reflections. In the same way, the Timorese arts are shown that perpetuate the ancestral history and solidify the nuances of the future history of this country, which through the handicrafts created by the people of East Timor, based on the techniques and knowledge passed from generation to generation and from new cultures artistic, imported from the new means available to this people, has been building a history based on both cultural moments, such as the preservation of the ancestry of history itself and the concern with teaching for future generations and which is of paramount importance for the institution of sovereignty National and international.

Keywords: Philosophy, arts, creativity, crafts, culture.

INTRODUÇÃO

A arte por sua conceitualidade e aplicação aproxima-se intrinsecamente da Filosofia, sendo uma das áreas a que ela se dedica por suas dimensões filosóficas. A construção artística

¹ Doutorado em filosofia, linha de pesquisa epistemologia e ontologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Brasil; atual como Decano da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL). Email: martinho.borromeu@untl.edu.tl





do ser se dá pela observação da influência do que é observado e que se entrelaça nos raciocínios delimitados pela arte nas percepções representadas e nas intenções estruturadas para a representação do desejo daquela criação estética.

A história da filosofia apresenta diversos pensadores clássicos sobre a arte e na abordagem de que cada um se vale para o entendimento da realidade ou falsidade expressa na arte.

Para Platão, por exemplo, a arte é a criação de um simulacro, uma falsa realidade, visto que, a própria realidade se traduz em uma imperfeição quando comparada a realidades do mundo e das ideias, dessa forma elevando a arte a uma terceira dimensão, pois ela trata da realidade observada por cada um e transmitida à sua maneira. (PLATÃO, Sofista, 1972.)

A análise da arte em si, vista pela manifestação estética, proporciona o julgamento a partir da percepção do que transmite e da representação intencional da realidade interna do artista. Essa abordagem é legitimamente filosófica.

No que trata a filosofia, inicialmente os estudos sobre arte principiaram com a poética, para em seguida abranger as noções do belo, da estética. Em ambos os estudos foram feitas observações do ser quanto a inflexão dos seus pensamentos e do mundo a sua volta.

Já Friedrich Nietzsche apresenta, no § 853, 4 de “*A vontade de poder*” do livro “*O nascimento da tragédia*”: “-Que a arte tem mais valor do que a verdade”. (NIETZSCHE, 2008.) A essa colocação do pensador, considera-se a inversão do Platonismo apontado, já que para Platão a arte é uma imitação, apenas capaz de reproduzir ou imitar realidades e que para Nietzsche é uma concepção da verdade ordinária, com um valor acima dela, na possibilidade de criação de outros aspectos da própria realidade, ao que é elementar à vida.

A vida em seu estado mais elementar é pulsão de forças artísticas, e visto que o verdadeiro artista também em seu obrar cria e destrói, é uma forma de imitador por estar copiando em seu processo criativo o que a vida em sua mais crua realidade é. (NIETZSCHE, 2008. p. 41.)



Schopenhauer aponta sobre a intenção de exprimir as ideias através da arte, em um ensaio com o intuito de materializar as realidades através de uma criação artística. Vale-se dizer que para o filósofo, o artista externaliza seu estado interior instintivamente e subjetivamente nos movimentos reproduzidos na arte, sem a percepção do estado mental, apenas na intenção de um diálogo sem palavras.

Abordando outro pensador, Schelling indica em “Filosofia da Arte”, § 17, que:

No mundo ideal, a filosofia está para a arte, assim como, no mundo real, a razão está para o organismo. – Pois, assim como a razão se torna imediatamente objetiva apenas pelo organismo, e as eternas Ideias racionais se tornam objetivas na natureza como almas de corpos orgânicos, assim também a filosofia se torna imediatamente objetiva pela arte, e pela arte também as Ideias da filosofia se tornam objetivas como almas das coisas reais. Precisamente por isso, a arte também se porta no mundo ideal, tal como o organismo se porta no mundo real. (SCHELLING, 2001. p. 46).

Essa citação de Schelling propõe observar que a filosofia está ligada intimamente a arte num mundo ideal, mas como não é vivenciada em um mundo ideal, pode-se verificar que além de ligada ao mundo real, a filosofia trata de vivências próprias onde as convicções nem sempre são parte do mundo real, são experienciadas e transmutadas para a arte, de acordo com o contexto em que se vive e suas próprias crenças.

Por meio da visão de uns poucos pensadores, já se consegue perceber a relação filosófica por meio da arte consiste em entrar em contato com seu ‘eu’, na busca em expor as ideias, de esvaziar-se de si mesmo, do seu meio atual e presente, em apresentar outros ângulos na observação do cotidiano.

Visto que, além dessas observações do cotidiano, das crenças ancestrais e das crenças no “eu” interior, desejos e vontades, além de sonhos, a filosofia intermedia as possibilidades da arte, nas representações criadas, sejam elas da forma que se apresentarem, como poesia, diálogo, pintura, escultura, tecelagem, artesanato, sempre a partir da representação do belo e da reflexão própria da beleza em si mesma ou ainda do contexto em que se encontra o artista.



ARTE, FILOSOFIA E CRIATIVIDADE

A humanidade é criativa por instinto, o homem já nasce com ligações culturais, psicológicas e sociais que instigam a criatividade, ligações individuais com o mundo e a natureza, dessa maneira e independentemente do desenvolvimento adquirido, interno e externo, manifesta sua arte por meio do seu cotidiano, empregando as técnicas a que tem domínio ou ainda, que mais se identificam com seus propósitos. Sendo assim, a arte, seja ela em que dimensão seja criada, trará o esclarecimento ou a expressão daqueles que as idealizam. Paulo de Tarso Cheida Sans assevera que:

A criatividade é considerada como parte essencial do homem, a qual dá equilíbrio à vida, auxiliando-o em seu cotidiano, nas resoluções de problemas e tornando o homem um ser mais criativo. (SANS, 2001, p. 24)

Essa parceria entre arte e filosofia permite exaltar temas importantes e complexos da cultura e da existência com uma determinada leveza, para que sejam ampliadas destrezas como identificação, classificação, seleção, apenas para citar algumas, imperativas para o preparo do ser humano, como as interpretações do corpo, da natureza, relações entre verdade e arte, efemeridade do amor e fatalidade da morte, em suma o sentido da realidade do ser. (FEITOSA, 2009, p. 8).

Para o filósofo Charles Feitosa (2009, p.7) “[...] a história da filosofia é a ‘nossa própria história’, afinal somos o resultado de um longo processo de errâncias”. O que significa dizer que as reflexões do nosso cotidiano, nossos problemas e experiências e até nossos ideais, mesmo quando consideradas suas peculiaridades, não podem ser analisadas tão somente pelo tempo presente, necessitam de análises aprofundadas em suas procedências para que não haja equívocos de interpretação, causando a intimidação.

A história da filosofia pode, entretanto, funcionar como uma intimidação, tolhendo nossa capacidade de pensar criativamente. Por isso o caminho que se segue coloca a prioridade nos temas e recorre à história sempre em segunda instância”. (FEITOSA, 2009, p. 7-8).



A história da arte revela diversas manifestações acerca da arte primitiva, a humanidade já utilizava do desenho como linguagem, para registro dos acontecimentos em sua vida.

As pinturas encontradas nas paredes das cavernas, mostram cenas do cotidiano de cada grupo humano: a caça, a comunidade na qual convivia, as representações dos ciclos solares e lunares, os animais, fatos vivenciados e registrados numa forma de linguagem legíveis a outras culturas, representadas pela ânsia de comunicação em registrar suas atividades e que vem sendo estudadas para entender-se como o ser de diversos períodos diferentes enxergava sua existência, seus anseios e seus medos. Sousa cita que:

[...] muitos fatos históricos ainda hoje são evidentes e reconhecidos por meio de textos não-linguísticos, compostos principalmente por imagens e objetos que revelam, na sua forma e no seu conteúdo, os modos de vida e as concepções de mundo de seu tempo. (SOUSA, 2005, p. 33)

Mesmo na atualidade, essas representações na forma de simbologias compreende a natureza do ser humano em almejar deixar um relato criativo de suas ideologias e convenções, para que aos leitores dessas obras de arte, haja uma compreensão da intimidade do artista com a forma ou a técnica escolhida para a representação, bem como com o contexto inserido na obra.

Na filosofia, a forma representativa da arte, significa deixar um legado para a posteridade e assim transmitir o conteúdo e o significado de cada temporalidade criada, até mesmo quando, para alguns, não se entende diretamente a forma da arte, para outros, há todo um significado, uma beleza e uma mensagem que correspondem as suas próprias ambições.

Dessa forma, muitas disciplinas têm como um dos seus objetos o estudo da criatividade, como a sociologia, a psicologia, a filosofia, a arte, a história, entre outras. A essas disciplinas percebe-se a dificuldade e a complexidade do tema criatividade, pela insuficiência dos limites distintos e abrangentes entre as áreas de conhecimento. Sendo que, acabou por se tornar eixo de pesquisas em algumas áreas já citadas, como sociologia, pedagogia, psicologia, bem como de discussões aprofundadas em filosofia, por pensadores clássicos e contemporâneos, para se chegar próximo a determinação da valorização do ser humano criativo. “Criatividade é característica da



espécie humana. O homem criativo não é o homem comum ao qual se acrescentou algo; o homem criativo é o homem comum do qual nada se tirou”. (MASLOW, 1982, p. 34)

Para Tommasi (2010, p. 34) criatividade não é apenas intelectual, como também nem só sentimental, mas uma capacidade intelectual, dinâmica, visceral, sentimental que oferece diversas possibilidades, já que é um ato mental, que incide em acordar imagens e sons subjetivamente e independente de qualquer dependência lógica com o mundo exterior. A autora ainda replica que a criações não precisam servir para algo, ou solucionar um problema, ou terem um retorno financeiro ou ainda serem maravilhosas e belas.

ARTE E CRIATIVIDADE EM TIMOR LESTE

A arte timorense, mesmo que influenciada muitas vezes pelas inúmeras colonizações que se procederam em períodos diferentes, traz a beleza da expressão “selvagem”, principalmente no que se refere a indústria fabril artesanal, até hoje executada por mulheres em seus vilarejos, com impressionante beleza, habilidade e paciência.

(...) a beleza de alguns d'aquelles artefactos, a maneira porque as côres estão combinadas e a sua duração, mostram-nos que os timores não são destituídos de habilidade, e que bem dirigidos por fabricantes europeus poderiam competir com os habitantes de Java no fabrico de certos productos. (CASTRO, 1867: 335).

Ainda sobre a indústria fabril dos timoreneses, Bento de França (1891), comentou em seu opúsculo intitulado “Timor”, que: “Aquelles insulares não são desageitados; pelo contrario, teem bastante habilidade de mãos, - mas, mercê da sua invencível indolência, limitam os seus artefactos aos que lhe são estreitamente precisos.”

Entre as artes confeccionadas, estão os trabalhos com teares de bambu, telas de seda e algodão, pentes de tartaruga, goges (espécie de bormal) de diferentes variedades, canudos em bambu lavrados e com arabescos; caixas, cesta e produtos diferentes em palha com desenhos ornamentais de produção artesanal e trazem a história local. (FRANÇA, 1891, p.40)



Já no século XX, com o intuito em recriar, a arte local ganha nova vida social no Álbum Álvaro Foutoura², que mostra uma visão do “Timor Português” no fim dos anos trinta, com a fabricação de artesanato em ourivesaria, tecelagem e joias em casca de tartaruga, bem como em caixas de bambu com tampas antropomórficas.

Outro reconhecimento importante e um pouco mais amplo da arte leste-timorense, se faz por meio do artigo escrito por Luís Filipe Tomaz (1975), intitulado “Arte Popular”, com dedicação ao território timorense e pertencente a “Arte Popular em Portugal, Ilhas Adjacentes e Ultramar”. Esse volume traz uma ênfase as artes em “Artes Decorativas”, pela relevância nos trabalhos em tartaruga, em bambu, na tecelagem, rendas, bordados e crivo (influenciados fortemente pela colonização portuguesa), cestaria, olaria, ourivesaria, metalurgia, marcenaria, música e dança. (TOMAZ, 1968/1975).

Ainda que, a arte timorense seja citada em publicações portuguesas, a que se dar o devido valor a essa arte, no contexto atual como nação independente e ao estudo dessas culturas e suas tradições para preservação da história local e engrandecimento enquanto nação soberana.

Toda a história por traz dessa arte, está sendo estudada aprofundadamente e registrada, entendendo-se os contornos a que se fundiram e as suas raízes-matriz, por diversos projetos instituídos no país. Existe por traz dessa história uma dialética a ser perpetuada e analisada para não que se percam as tradições passadas por gerações incontáveis e de uma beleza infinda.

O ensino dessas tradições, importantíssimo por sinal, contextualiza uma história a ser preservada e ensinada aos cidadãos contemporâneos e de futuras gerações, para que se entenda a totalidade da memória e da vida dos timorenses. Bem como o enaltecimento das tradições passadas e que possuem vários aspectos individuais, impactados sobre sua história, suas lutas e conquistas, além da importância do trabalho artesanal executado, trabalho esse de paciência, dedicação e grande habilidade.

² Álbum disponível no arquivo de História Social da Universidade de Lisboa, em <<http://www.ahsocial.ics.ulisboa.pt/atom/album-fontoura>> Acesso em 15/10/2022.



Quando se observa essa arte timorenses por meio da filosofia, percebe-se que o contexto na elaboração dessas artes traz à tona, toda uma história geral, enquanto país, bem como cada história particular de vida e sofrimento, até a constituição da soberania de Timor Leste. Aonde os artesãos além de colocar toda a tradição absorvidas dos seus antepassados em suas obras, colocam sobremaneira toda a sua própria história e sentimento na confecção, seja qual for o tipo de arte que se esteja falando. Pode-se verificar que mesmo as artes mais contemporâneas como a *street art*, em Timor Leste apresenta toda uma gama de vontades e esperanças, como por exemplo, aparece nas narrativas visuais, o mobilizador “Paz no Dame³” (ARTHUR, 2015, p. 41/63).

A essas e outras formas de arte timorenses, a história e profunda esperança de paz está entrelaçada nas criações, representando o desejo de crescimento, abundância e prosperidade que a nação timorenses respira.

A DIALÉTICA DA ARTE

Não há como compreender perfeitamente as relações entre sociedade e arte, quando se limita arte a apenas como um reflexo da situação social do artista e do contexto em que vive. Será necessário considerar as relações entre as classes atuantes e suas ideologias, sem deixar de lado, é claro, o estado do espírito do artista e os costumes e batalhas do momento histórico em que idealiza e realiza a arte.

Cada artista, através de sua criação, e de acordo com sua realidade social, familiar, ancestral e local, responde aos anseios dos meios que em está inserido, aos problemas morais e sociais, como também aos problemas políticos da sociedade em que vive. Novamente aqui, se evidencia a *street art* produzida em Timor Leste, onde existe uma resposta importante ao meio vivenciado e que se apresenta como uma confrontação ou ainda, como uma contestação pacífica do contexto político da época, visto que além de colocar os desejos de muitas consciências

³ Dame é o termo em Tétum, língua nativa e uma das línguas oficiais de Timor Leste, para a palavra Paz.



naquela criação, demonstra também a própria aceitação do artista para o fato contestado por meio da expressão artística.

Essa expressão artística, une a obra de arte em si mesma, como a experiência do individual e do social, podendo em alguns momentos abranger a coletividade pela força da expressão, já que o artista revela por intermédio das formas, das técnicas e das cores, toda sua experiência inclusiva da interpretação dos dados da realidade em que vive como um objeto único que contém a dialética da qual foi criada e pode conduzir a experiência nela sinalizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vê-se que de fato a filosofia permeia as ações e representações artísticas, assim como as decisões acerca da vida. Em todos os momentos e, mesmo que não se tenha consciência desse fato, utiliza-se da filosofia como princípio para ações e reações.

Como na arte são evidenciadas as aspirações e o cotidiano, na vida perpetua-se a arte no dia-a-dia. A criatividade está em qualquer decisão tomada, já que ela se apresenta de forma pensada ou sentida. Para alguns a criatividade se mostra de forma artística, seja ela pintada, esculpida, cantada ou escrita, ou ainda artesanal, como muito acontece em Timor Leste.

Em todos os sentidos, depende-se dos sentimentos para exteriorizar as vontades latentes e por conseguinte pode-se fazer uso da arte para essa representação.

Theodor Adorno fala que na relação entre os elementos materiais, expressão e forma, a tensão do sujeito-objetivo expõe a subjetividade no momento da criação, que é o que imprime objetividade a arte.

Para a obra de arte e, portanto, para a teoria, o sujeito e o objeto constituem os seus próprios momentos; são dialéticos por estarem os componentes das obras – o material, a expressão e a forma – sempre associados dois a dois. Os materiais são elaborados pela mão daqueles de que a obra de arte os recebeu; a expressão objetivada na obra e objetiva em si penetra como emoção subjetiva; a forma deve, segundo as necessidades do objeto, ser elaborada subjetivamente, tanto quanto ela não deve comportar-se de modo mecânico relativamente ao formado. (ADORNO, [1970]1988, p. 189).



Essa relação apontada por Adorno, vem de encontro com o equilíbrio que se almejou identificar no texto explanado, um equilíbrio precário, que é a demonstração dos próprios meios de organizar ideias, sentimentos, vivências e experiências e demonstrar na representação da própria arte, o estado de espírito, o momento e o sentimento.

E é exatamente nessa ação criativa que o pensamento se torna o meio de expressão por meio da imaginação e da técnica, buscando revelar a cada ser consciente sua atuação na vida e na comunidade em que está presente.

O meio artístico escolhido por cada artista, vindo de encontro com suas experiências, atitudes e vivências, bem como com seus saberes, sejam eles estudados ou adquiridos de seus ancestrais. Aliás, essa forma de arte, perpetua a vivência e a história de cada indivíduo, enquanto ser individual e social, e a também a história que está sendo contado ou expressa em sua arte.

Pelos motivos explanados acima, o ensinamento da arte, seja em escolas primárias, famílias, universidades carrega totalidades de identificação com os propósitos de cada ser humano e deve ser provocado para que seja afluído, sem a intimidação da reprovação. Essa provação, que pode ser apresentada através do conhecimento, trará aos olhos dos artistas possibilidades de identificação e expressão das suas vontades, enquanto ser social individual e coletivo.

Toda a forma de arte, representa um pensamento filosófico original, dada a contextualização do momento e situação em que a arte é inspirada e representada. Incentivar o pensamento para a que seja representado através da arte, incentiva uma nação a cocriar com seus habitantes, as realidades da própria vida e também a perceber os anseios e desejos, sejam eles velados ou não, de uma nação em construção, como Timor Leste e que merece ser ouvida, lida e mostrada em toda a sua totalidade, seja dentro do próprio país, como na comunidade internacional, pelas belezas e originalidade de seu povo.



REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Teoria estética*. Trad.: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, [1970]1988.
- ARTHUR, Catherine Elizabeth. *Writing National Identity on the Wall: the Geração Foun, Street Art and Language Choices in Timor-Leste*. Cadernos de Arte e Antropologia, Vol. 4, Nº 1, 2015, p. 41-63; DOI: 10.4000/cadernosaa.842. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/277609312_Writing_National_Identity_on_the_Wall_the_Geracao_Foun_Street_Art_and_Language_Choices_in_Timor-Leste>. Acesso em 18/0/2022.
- CASTRO, Afonso. *As Possessões Portuguesas na Oceânia*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa. 1867. Disponível em <<https://www.loc.gov/resource/gdclccn.05013860/?st=gallery>>. Acesso em 15/10/2022.
- FEITOSA, Charles. *Explicando a Filosofia com Arte*. Rio de Janeiro: Ediouro. 2009.
- FRANÇA, Bento. *Timor*. Lisboa: Companhia Nacional Editora. 1891.
- MASLOW, Abraham. *La amplitud potencial de natureza humana*. México: Trilhas, 1982.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A vontade de poder*. Trad.: Marcos Sinésio Pereira Fernandes; Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A origem da tragédia: proveniente do espírito da música*. Trad.: Erwin Theodor. São Paulo: Ebooksbrasil, 2006.
- PLATÃO, *Diálogos. O banquete. Fédon, Sofista, Político*. Coleção Os Pensadores. Trad.: José Cavalcante de Souza; Jorge Paleikat; João Cruz Costa. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1972.
- SANS, Paulo de Tarso Cheida. *Pedagogia do desenho infantil*. São Paulo: Átomo, 2001.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Trad.: M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.
- SHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph von. *Filosofia da Arte*. Trad.: Márcio Suzuki. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2001.



SILVA, M. F. M. *Definição e avaliação da criatividade: contributos da abordagem cognitiva*. Tese de Doutorado. Instituto de Educação e Psicologia, da Universidade do Minho. Minho, Portugal. 1999.

SOUSA, Richard Perassi Luiz de. *Roteiro didático da arte na produção do conhecimento*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2005.

TOMMASI, Sonia Maria Bufarah. *Arte e Criatividade (Parte 1)*. Revista Direcional, jun. 2010, p. 26-27. Colloquium Humanarum, vol. 11, n. Especial, Jul-Dez, 2014, p. 770--776. ISSN: 1809-8207. DOI: 10.5747/ch.2014.v11.nesp.000601

THOMAZ, Luís Filipe. *País dos belos: achegas para a compreensão de Timor-Leste*. Lisboa: Ed. Verbo, 1968/1975.

Recebido: 26/10/2022

Aprovado: 20/11/2022